LENIN, Vladimir. *As três fontes*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

Eduardo Silveira de Menezes¹, Ercília Ana Cazarin²

Escrito em meio ao crescimento das lutas operárias, na Rússia, em 1913, *As Três fontes constitutivas do marxismo*, de Vladimir Lenin, reúne elementos representativos da concepção científica que toma como base o marxismo-leninismo. Provocadoramente atual, a visão materialista da história refuta o discurso da escola neoclássica, cuja crítica, ainda hoje, baseia-se em um suposto “medo” de que sejam retomadas leituras capazes de colocar em xeque as condições concretas de produção; desafiando, assim, os limites da democracia liberal.

Diferente de muitos teóricos marxistas, Lenin procurou comprovar, na prática, o método de análise proposto por Karl Marx e Frederick Engels no final século XIX. Foi com este intuito que nasceram os escritos por ora tomados como base para a presente reflexão. Em meio à expansão da imprensa, os panfletos publicados pelas lideranças operárias foram vistos como instrumentos de agitação e propaganda, cuja finalidade era, sem dúvidas, contribuir para a organização coletiva dos trabalhadores.

Esta nota introdutória é de fundamental importância para a compreensão dos conceitos-chave dos quais trata Lenin, pois ajuda a entender não só o processo de transformação social ocorrido na Rússia, no início do século XX, mas também a refletir sobre a crise ideológica enfrentada, hoje, pela esquerda em várias partes do mundo – inclusive no Brasil. Procurando responder *O que é marxismo?*, o texto *As três fontes constitutivas do marxismo*, publicado originalmente no número 3 da revista bolchevique *Prosveschenie*, em março de 1913, é acompanhado por outros três textos no livro aqui resenhado.

Trata-se de uma publicação especial da editora Expressão Popular, de 2006, que, além de tratar das três partes constitutivas do pensamento marxista, apresenta, por ordem, um breve histórico da obra de Karl Marx, ocupando-se, na sequência, de uma reflexão perspicaz sobre as contribuições de Frederick Engels para a teoria marxista. O último texto é a reprodução de uma carta de Lênin aos operários russos, escrita em

---

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na UCPel.

2 Doutora em Letras pela UFRGS, na área de Teorias do Texto e do Discurso. Professora no Programa de Pós-Graduação da UCPEL.

setembro de 1902, com o objetivo de contribuir para a organização política do proletariado. Este último escrito, conforme explica a ficha catalográfica do livro, foi editado a partir de um folder difundido pelo Centro de Pastoral Vergueiro (CPV) de São Paulo. Os demais foram retirados de uma publicação de 1977, da editora marxista Centelha, que tem sede em Coimbra, Portugal.³

Nas primeiras páginas escritas por Lenin, destinadas à vida e ao pensamento de Marx, já é possível identificar a característica fundamental de toda a obra; isto é, a junção pedagógica entre a teoria política e a prática revolucionária. O líder comunista criticava fortemente a ala minoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) – os mencheviques, alertando sobre os rumos que a República russa deveria tomar após a revolução. Contrariava, como faziam os bolcheviques – grupo majoritário do POSDR –, a ideia de que a burguesia teria um papel importante para a transição do regime autocrata e propunha que o controle do governo deveria passar para as mãos dos operários.

Ao tratar dos aspectos fundadores da teoria marxista, o autor ressalta a importante aproximação entre as principais correntes filosóficas do século XIX: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês. Esta aproximação é circunstancial para a compreensão da transformação histórica proposta na Rússia. Sob este enfoque, a filosofia moral aparece vinculada à economia política por meio de um antagonismo referente à concepção do trabalho, uma vez que se identifica o seu valor social. É possível avançar nesta questão se for levado em conta o materialismo filosófico. A proposição marxista, sob a qual paira a aura de uma utopia transformadora do mundo, certamente motivou Lenin a não se limitar apenas em apresentar a crítica de Marx ao idealismo hegeliano, mas ao próprio materialismo de Feuerbach, cujas noções de história e dialética foram incorporadas.

É com base na filosofia dialética que será possível negar o absoluto (o sagrado) e, assim, propor uma reflexão revolucionária ao proletário russo. Estamos nos referindo à aplicação prática da concepção marxista de dialética, a qual consiste em um movimento constante na busca pelo conhecimento/transformação das condições materiais de produção. O líder bolchevique mostra-se um estudioso astuto da teoria em questão, pois dava indícios da sua pretensão de confirmá-la. Faz, assim, uma referência à ideia de evolução, que, segundo a sua leitura, ultrapassa

---

3 Vale ressaltar que os três primeiros textos podem ser encontrados na internet. Disponível em: <http://pcrbrasil.org/wp-content/uploads/2010/06/AS_TRES_FONTES.pdf> Acesso em 5 jun. 2015.

tanto a premissa hegeliana de que o mundo das ideias supostamente determinaria o mundo material, quanto a dos neo-hegelianos, cuja crítica não suplantava o domínio religioso. Nesse sentido, formulações clássicas da dialética marxista, à luz do período prévio à Revolução Russa (1917), tomam o sentido clássico próprio à determinação economicista. O processo de “negação da negação”, ressaltado por Lenin, é compreendido com base nas relações de produção sobre modos de exploração específicos, os quais, em determinadas formações sociais e econômicas, conduziram inevitavelmente a revoluções.

Em seu texto, o teórico marxista deixa claro que, para atingir um grau mais elevado de sociedade, é preciso ousar se revoltar; deixar de lado o limite cômodo da interpretação do mundo e assumir o papel histórico que cabe ao operário em um contexto de exploração e assujeitamento pela ordem do capital. Trata-se, em última análise, de uma elaboração teórica que propõe a superação do conflito com vistas à construção de uma nova realidade. A proposta de Lenin fica ainda mais evidente quando, ao fazer referência à necessidade de tomada de consciência por parte do proletariado, ampara-se no materialismo histórico para incitar os trabalhadores à revolução.

Nos escritos de Lenin, produzidos – é bom lembrar – no segundo decênio do século XX, fica evidente a apresentação de um postulado científico cuja premissa básica de validação se dá na atuação do movimento das massas na base – forças e relações de produção –, objetivando a modificação das condições de produção. É um texto militante, cuja ancoragem na explicitação de um método científico, dirigido ao proletariado, procura não apenas apresentar as contradições da vida material, mas, sobretudo, fornecer subsídios teóricos e práticos para eleger esta classe como autenticamente revolucionária.

A doutrina econômica de Marx, detalhada por Lenin, explicita as mazelas que os proletários russos encontravam no seu dia a dia. O sistema autocrata, comandado pelo *czar* Nicolau II, considerando, ainda, o contexto de um país recém-industrializado, foi responsável por gerar muita desigualdade social. Com remunerações inferiores ao tempo dedicado para a realização do trabalho, o proletariado russo não teve dificuldades em compreender o importante conceito de mais-valia desenvolvido nesta obra. A realidade do trabalhador russo se enquadrava exatamente nesta definição; ou seja, o operário certamente estava destinando uma parte do seu tempo de trabalho apenas para gerar lucro ao patrão. O pouco que lhe sobrava – o salário – mal dava para custear as despesas com a família, o que, certamente, contribuiu para criar a disposição necessária para a revolução.

Na parte destinada a Friedrich Engels, pode-se perceber que o referido teórico teve grande influência e prestou enorme contribuição para o pensamento marxista. Lenin registra que Engels foi “o mais notável sábio e educador do proletariado contemporâneo de todo o mundo civilizado”.⁴ Uma de suas principais obras foi *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicada em 1845, onde, ao analisar o capitalismo, revelaram-se as injustiças sociais às quais eram submetidos os trabalhadores desse país no século XIX.

No texto, Lênin também registra que Marx e Engels, desde que se conheceram, construíram sua obra em constante parceria. Juntos, criaram o marxismo (socialismo científico) e, juntos, escreveram o *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em fevereiro de 1848. Obra que, segundo Lenin, “expõe com uma clareza e vigor notáveis a nova concepção de mundo, o materialismo consequente estendido à vida social, a dialética, a ciência mais vasta e mais profunda da evolução, a teoria da luta de classes e do papel revolucionário atribuído pela história mundial ao proletariado, criador de uma nova sociedade, a sociedade comunista”.⁵

Marx e Engels rejeitaram o idealismo de Hegel e assumiram o materialismo como doutrina – o proletariado europeu e, por que não do mundo, pode dizer que “a sua ciência foi criada por dois sábios, dois lutadores”. O texto também revela que Marx e Engels foram os primeiros a explicar que o socialismo era o objetivo final e o resultado necessário do desenvolvimento das forças produtivas. “Toda a história escrita até nossos dias foi a história da luta de classes... toda a luta de classes é uma luta política”.⁶

Engels também teve participação especial na escritura e publicação do volume I de *O Capital*, fornecendo, inclusive, ajuda financeira para tal e, como Marx veio a falecer, foi o responsável por escrever a continuação do segundo volume desta obra e redigir por completo o terceiro volume. *O Capital*, segundo Lenin, é concebido como a mais grandiosa expressão de economia política do século XIX. Lenin ressalta, portanto, que os serviços prestados à classe operária por Marx e Engels foram inestimáveis, pois eles a ensinaram a tomar consciência de si mesmos, substituindo as quimeras pela ciência.

Cabe destacar que, ao tratar das três fontes e das três partes constitutivas do marxismo, Lenin parte de uma interpretação precisa sobre o processo histórico, demonstrando como o proletariado organizado pode promover

---

4 LENIN, Vladimir, op. cit., p. 53.

5 LENIN, Vladimir, op. cit., p. 12.

6 LENIN, Vladimir, op. cit., p. 54.

a superação da sociedade capitalista. Apresenta, assim, indícios de uma leitura possível de ser feita em conjunturas como a de hoje, no Brasil, pois remete a uma tese que explica, em parte, as condições históricas sob as quais se deterioram as economias neoliberais. A análise vai do campo à cidade, sem negligenciar, embora se considerando um contexto diferente, os elementos-chave do funcionamento da sociedade capitalista. Em outras palavras, pode-se dizer que Lenin, ao denunciar o esgotamento da força de trabalho, aponta não apenas para a exploração da mão de obra, mas também para o resultado prático desta exploração e suas consequências.

É neste ponto que o autor encontra a razão última da proposição de superação de uma sociedade baseada na deterioração das relações de trabalho, uma vez que, conforme a teoria marxista refere, o aumento da exploração leva, em última análise, à superação deste modo de produção (sua derrocada) e à instauração de uma sociedade socialista. A transformação da base social, no entanto, não é propagandeada como mera transição democrática, e sim como fruto de uma batalha que “há de vir”. Um movimento de conflito eminente, cujo “objetivo final”, considerando o processo histórico, conduz a classe trabalhadora ao poder. Tarefa que, como bem lembra Lenin, só pode se dar pela tomada de consciência dos operários e, sobretudo, partindo-se de uma concepção materialista e dialética do mundo. Assim, os três primeiros textos, escritos quatro anos antes de ser deflagrada a Revolução Russa, trazem, em linhas gerais, a explicação clássica do marxismo para a transformação das condições materiais de produção.

Em *Carta a um camarada*, texto que dá fecho ao livro, Lenin não se dirige apenas ao proletariado russo, ávido por justiça, mas a todos os trabalhadores e trabalhadoras que, em contextos como o que é encontrado hoje no Brasil, sentem-se desorientados ante aos pactos da esquerda tradicional com as velhas oligarquias. Quando foi redigida esta epístola, em setembro de 1902, o objetivo principal era tratar da organização do Partido Revolucionário de São Petersburgo, tanto que o jornal *Iskra* (*A centelha*), primeira publicação marxista ilegal da Rússia, da qual Lenin foi organizador, é considerado de grande importância para a formação do Partido Bolchevique.

A crítica aos mencheviques – sob a qual, hoje, poderíamos criar um efeito de deslocamento para pensar a conjuntura política brasileira – somada ao alerta da necessidade de uma educação revolucionária para os operários de vanguarda, poderia, na atualidade, causar constrangimento às lideranças políticas do atual governo. A opção pela política de alianças,

com vistas a um projeto de governabilidade, do qual, em verdade, o Partido dos Trabalhadores (PT) torna-se refém da ordem do capital, está no centro da crítica do marxismo-leninismo, cuja orientação centrava-se na filiação ideológica e, acima de tudo, no respeito ao programa único do partido.

O correto funcionamento dos dois “centros dirigentes” do partido, propostos por Lenin – o Órgão Central (OC) e o Comitê Central (CC), em verdade, reforçam a necessidade de se “dirigir ideologicamente” e, também, “prática e diretamente” o processo de transformação social. Processo que deve se dar a partir de uma “unidade de ação” que tenha por norte a identificação entre os dois grupos citados. Sem o compromisso ideológico, sintoma comum à realidade política brasileira, fica fragilizado qualquer movimento que vise mudar as estruturas político-econômicas. Desse modo, consequentemente, os governos tornam-se suscetíveis à aproximação do que, à época de Lenin, era identificado com a “burguesia” e, hoje, no Brasil, está claramente representado pela classe empresarial.

O marxismo-leninismo caracteriza-se, portanto, por uma reflexão que parte do chamado mecanismo determinista, sob o qual se assenta a premissa de que a estrutura econômica determina a superestrutura jurídica, política e ideológica. Esta perspectiva, conhecida na academia como “marxismo vulgar”, passou a ser contestada por críticos como George Lukacs e Antonio Gramsci, pois ambos chamam a atenção para a importância da superestrutura na determinação dos fenômenos sociais. Mas não se pode negar, à luz de pensadores como Louis Althusser, que o funcionamento da infra-estrutura (estrutura econômica) é imprescindível para a compreensão de como se dá a relação do sujeito com a história. E, na segunda metade do século XX, em *Semântica e Discurso*, Michel Pêcheux vai chamar a atenção para as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção. Nestes termos, passa-se a pensar que a superestrutura, embora compreendida como meio de realização da ideologia dominante, permite a realização da luta de classes.

O primeiro passo, como diria Lenin, está na leitura atenta de textos que mantenham viva a aura da social-democracia revolucionária do início do século XX. Pode não parecer uma tarefa fácil, sobretudo, se considerarmos o refluxo dos movimentos de massa ante a capitulação de boa parte da esquerda brasileira às exigências do Consenso de Washington, mas ainda é um movimento necessário, cujas condições sócio-históricas e matérias revelam ser, acima de tudo, possível.

Recebido em: 20/06/2015. Aceito em: 28/07/2015.